



São sempre uma miragem no meio da seca e formam uma paisagem linda!

Ana Luiza Campos, estudante

Chegou a vez de os ipês-rosa embelezarem a capital do país. A floração das árvores tradicionais do cerrado ajuda a trazer alívio ao brasileiro no período de seca

A COR do amor nas ruas da cidade

» ISABELA BERROGAIN

A floração dos ipês traz alívio para a paisagem seca de Brasília nesta época do ano. As árvores tradicionais do cerrado fazem parte da identidade da capital federal e sempre surpreendem os brasilienses quando dão início a uma nova floração. Agora, chegou a vez dos ipês-rosa, que pintam a cidade com a cor do amor.

Os ipês chamam atenção principalmente dos recém-chegados à capital federal. A natalense Gabriela Sales, que mora em Brasília desde o meio do ano, ainda está se acostumando com a beleza das árvores coloridas. “Na Universidade Federal de Pernambuco, onde eu estudava, tem um ipê-amarelo gigante. Toda vez que ele floria, todo mundo ficava admirando e tirando foto”, relembra. No entanto, Gabriela relata que não era tão comum encontrar essas árvores por lá. “O melhor dos ipês é que aqui tem em todo canto e, andando pelas ruas, sempre vejo vários”, conta. A cientista política se impressionou especialmente com o ipê-rosa, que nunca tinha visto em outras cidades.

A turista recifense Daniela de Sá, que costuma visitar Brasília semestralmente, sente falta dos ipês na capital de Pernambuco. “Sempre que estou em Brasília e saio para andar, vejo muitos ipês. É a coisa mais linda do mundo, principalmente quando bate o sol e ilumina as árvores. Eu sinto muita falta de poder apreciar a beleza dos ipês”, lamenta ela, que mora em uma área pouco arborizada da capital pernambucana. “Apesar de admirar todos os ipês, para mim, os rosas são os mais bonitos. Eu amo a combinação do rosa das flores com o azul do céu de Brasília, que é um show à parte”, diz.

Até mesmo os que moraram em Brasília a vida toda renovam o encantamento com a beleza dos ipês a cada florada. É o caso da estudante Ana Luiza Campos, amante das árvores do cerrado. “Entre as coisas que ajudam a lidar com esta seca intensa, ver os ipês pela cidade é a minha preferida”, afirma. Para Ana, a variedade de cores é o que mais chama atenção

nas árvores, com destaque para os ipês-rosa. “É engraçado como vira até tópico de conversa: ‘Você viu o ipê da 206? Está lindo!’ ou ‘Já está na época dos ipês-rosa?’”, destaca.

A estudante costuma registrar os ipês vistos pela capital federal. “São sempre uma miragem no meio da seca e formam uma paisagem linda, além de serem um símbolo da cidade”, declara. As fotos, e até endereços de onde encontrar as árvores mais bonitas, são compartilhadas com a família, que também admira a beleza das flores.

Nutrientes

Matheus Reis, coordenador do núcleo de divulgação científica do projeto A Vida no Cerrado, explica o motivo da floração dos ipês durante o período de seca. “Uma das suas principais características é ser uma árvore decídua, ou seja, ela perde as folhas de sua copa durante um período de estiagem. Essa estratégia evolutiva permite que, durante a seca, os ipês tenham um gasto energético menor do que as plantas que mantêm suas folhas o ano todo”, justifica. Segundo o coordenador, esse processo é responsável por possibilitar que o ipê direcione os nutrientes coletados do solo e as reservas energéticas na floração, que coincide com o ápice da seca.

Mesmo se destacando entre as árvores do cerrado, o ipê conta com características similares às demais do bioma. “O ipê possui raízes que se aprofundam bastante no solo, o que possibilita que ele retire água e os nutrientes necessários para se manter mesmo na seca, já que os recursos do ambiente ficam mais escassos”, informa. “O que mais chama atenção nessas árvores é a cor de suas flores, que contrasta com a vegetação predominantemente marrom presente nos campos do cerrado”, opina Matheus. Os ipês também chamam atenção pelo tamanho. Podendo chegar a até 30 metros de altura, essas árvores costumam ser maiores que a maioria no cerrado.



Nesta época do ano, o ipê-rosa direciona os nutrientes coletados do solo e as reservas energéticas na floração, que coincide com o auge da seca